



## **A Indústria de Conteúdo Frente à Convergência Tecnológica: O Caso da Rádio Web<sup>1</sup>.**

Cátia Cilene dos SANTOS<sup>2</sup>

Roseli Pereira NUNES<sup>3</sup>

Matheus Pereira Matos FELIZOLA<sup>4</sup>

**Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE**

### **RESUMO**

A proposta deste artigo é analisar as problemáticas implícitas no surgimento das rádios webs, uma vez que, apesar de ampliar a possibilidade de uso por diferentes estratos sociais, a maior visibilidade desta nova forma de comunicação se mantém centrada nos grandes grupos comerciais. Mediante a análise de referencial teórico acerca do surgimento e utilização da internet, será feita uma breve digressão à presença do rádio na rede mundial de computadores. Contudo, ressalta-se que somente a técnica não é suficiente para mudar o modelo de comunicação vigente. Pois, para isto, a tecnologia tem que está ligada a um profundo movimento de mudança, o que, no entanto, ainda não perfaz a realidade da sociedade brasileira, onde são grandes as barreiras de acesso e manuseio dos equipamentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Indústria de conteúdo; Rádio; Convergência tecnológica; Internet.

### **INTRODUÇÃO**

Os meios de comunicação social permeiam o cotidiano das sociedades contemporâneas, uma vez que, apesar de terem surgidos recentemente, o rádio, a televisão, e o mais atual,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 5 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

<sup>2</sup> Estudante de graduação do Curso de Letras Português da UFS, email: [catiacylene25@yahoo.com.br](mailto:catiacylene25@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Estudantes de graduação do Curso de Jornalismo da UFS, email: [roseli.aju@gmail.com](mailto:roseli.aju@gmail.com)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da UFS - doutorando em Ciências Sociais na UFM, email: [matheusfelizola@infonet.com.br](mailto:matheusfelizola@infonet.com.br)



o computador, integraram-se de maneira consolidada nas relações sociais dos indivíduos. Contudo, a invenção da informática parece ter criado um hiato entre essas tecnologias, pois, tornou-se abstrato analisar a comunicação sem levar em consideração o aparecimento da rede mundial de computadores, a internet.

Nesta perspectiva, o presente artigo visa relatar, com base em referencial teórico acerca de temáticas que abordam a convergência tecnológica, as resultantes da apropriação de conteúdos de comunicação, em especial do rádio, pela internet, mediante as possibilidades e empecilhos para a utilização dos recursos da rádio web por grupos de menor acesso e visibilidade nos meios de comunicação de massa que, tendem a trabalhar em prol dos interesses comerciais.

Diante da ampla utilização das novas tecnologias como mediadoras no processo de comunicação, Wolton (2003) enfatiza que elas geram no homem um estado de encantamento e alegria, pois, conforme o autor, as dimensões psicológicas são de fato essências na atração pelas novas tecnologias da comunicação.

Porém, ressalta-se que este encantamento pode levar estudiosos do assunto a enaltecerem as características positivas destas técnicas, podendo defini-las como o resgate da noção de comunicação de todos para todos, em substituição a comunicação direcional, típica dos meios de comunicação tradicionais.

Nesta perspectiva, o autor supracitado elucida que toda tecnologia pode reproduzir as contradições da vida social, econômica ou política de uma sociedade, sendo preciso, portanto, que as discussões sobre as tecnologias da comunicação sejam mais críticas, de maneira a objetivar entender quais os problemas que elas resolvem e quais outros elas criam.

As teorias desenvolvidas sobre a junção do rádio à internet, objeto de estudo do presente artigo, são um bom exemplo da crença dos estudiosos sobre as mudanças sociais que, de maneira certa, viriam acompanhar as novas tecnologias da comunicação e da informação. De acordo com tais teorizações do tema, a facilidade para montar um rádio na web, ação que passa a ser possível para todos que têm acesso à internet, em função da não necessidade da concessão do Estado e dos equipamentos de instalação das



emissoras tradicionais, esta se configura como uma alternativa viável para as rádios comunitárias.

No entanto, as rádios comunitárias, que encontram inúmeros obstáculos na sociedade brasileira, encontram também algumas barreiras no que se refere ao formato digital, pois não é fácil ser conhecido em um meio de comunicação como a internet, que abriga um número incalculável de sites e portais. Neste ínterim, os empresários da comunicação que detém rádios, televisão e revistas nos formatos tradicionais, tendem a se consolidarem também nas redes virtuais de comunicação.

## **A CULTURA DIGITAL**

Pensar a comunicação contemporânea implica, necessariamente, analisar as novas tecnologias da comunicação, o que para Silverstone (1999) significa ser uma tarefa difícil, devido, principalmente, ao fato de que as novas tecnologias da comunicação são modificadas com uma rapidez imprevisível e incoerente em suas implicações, sendo que a convergência tecnológica, que está ocorrendo pelo mecanismo da digitalização<sup>5</sup>, é uma dessas transições.

Filho e Castro (2005) defendem que o [www](http://www)<sup>6</sup> possibilitou o surgimento de uma nova sociabilidade, em que pessoas de diferentes idades, níveis socioeconômicos, cultural ou religioso passaram a expressar-se através de emails, paginas da web ou blogs; governos experimentam novos espaços de relacionamentos com o cidadão; os movimentos sociais desenvolveram outro espaço de comunicação e atuação política. De maneira implícita, a internet aparenta dissolver as barreiras sócio-culturais e de distância entre os interlocutores.

Mesmo encantados<sup>7</sup> com as possibilidades que as tecnologias da informação e da comunicação oferecem, não se pode esquecer que elas não são um fim em si mesmas.

---

<sup>5</sup> Digitalização é o processo de captura de qualquer tipo de documento, como texto, imagem e áudio, para permitir o gerenciamento e acesso facilitado a essas informações através de recursos de informática. Essa passagem permite o surgimento de mecanismos de cópia extremamente fieis à obra original, fato que se mostra como a principal e nova característica trazida com os computadores e suas unidades de informação dispostas em uns e zeros.

<sup>6</sup> World Wide Web

<sup>7</sup> Toda sociedade encontra na tecnologia uma fonte e uma esfera de magia e mistério, sendo, portanto, o envolvimento das pessoas com as tecnologias midiáticas impregnado pela ansiedade e alegria. Essa sobredeterminação lhe confere um poder aterrador na nossa imaginação.



Pois, na concepção de Silverstone (1999), elas são coisas sociais, impregnados pelo simbólico e podem reproduzir as contradições e paradoxos da vida social. No entanto, por estarmos tão imersos nessa nova era, não temos ainda a elucidação necessária sobre quais serão as conseqüências, a longo prazo, trazidas pelas novas mídias.

Ainda conforme Silverstone (1990), as novas tecnologias da comunicação nascem sobre as bases da velha. Elas não nascem completamente formadas, tampouco é possível saber como será institucionalizada, ou quais serão suas reais conseqüências na vida social, econômica e política. O autor acrescenta que somente é possível afirmar que as sociedades estão vivendo uma importante transição tecnológica, ao afirmar que a contemporaneidade está no meio de uma revolução nas tecnológicas da comunicação, de amplas conseqüências.

Quando as capacidades de memória e de transmissão aumentam, quando são inventadas novas interfaces com o corpo e o sistema cognitivo humano (a “realidade virtual”, por exemplo), quando se traduz o conteúdo das antigas mídias para o ciberespaço<sup>8</sup> (o telefone, a televisão, os jornais, os livros, etc.), quando o digital comunica e coloca em um ciclo de retroalimentação processos físicos, econômicos ou industriais anteriormente estanques, suas implicações culturais e sociais devem ser reavaliadas sempre (LÉVY, 1999, p.25).

Sendo assim, o surgimento e a utilização de uma nova tecnologia, não implica numa imediata mudança nos âmbitos social, econômico e político de uma sociedade. Uma vez que, a estruturas de dominância dos meios de comunicação de massa, vigente desde os primórdios, ainda não demonstraram reais sinais de alteração em suas estruturas.

Neste contexto, autores Prado, Caminati e Novaes (2005) complementam esse pensamento, ao dizer que a cultura digital pode vir a representar um conjunto de transformações radicais na esfera social, e não uma mera conversão de artefatos analógicos para equivalentes digitais.

---

<sup>8</sup> Também chamado de “rede”, é o novo meio de comunicação que surgiu da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.



Para Lévy (1999), a internet surgiu como uma alternativa às mídias de massa<sup>9</sup>. Ou seja, na visão de alguns estudiosos como Prado, Caminati e Novaes (2005), os recursos tecnológicos possibilitados pela digitalização resgatam a noção de comunicação de todos para todos, em substituição a comunicação direcional.

Neste ínterim, a análise de Wolton (2003), enfatiza três palavras como sendo essenciais pra compreender o sucesso das novas tecnologias, a saber: autonomia, domínio e velocidade. Cada indivíduo, no ciberespaço, pode agir quando bem quiser, sem filtro, intermediário ou hierarquia.

Júnior e Ramos (2005) dizem que toda vez que ocorrem alterações tecnológicas como essas, as pessoas passam a ter esperanças de que profundas mudanças sociais venham acompanhá-las. Contudo, Wolton (2003) defende que quando surgiu uma nova tecnologia, este fato não significa que haverá uma ruptura na economia geral da comunicação, pois mudanças em escalas sociais ou individuais são algo bem diferente de uma tecnologia. Por exemplo, não foi a imprensa que, por si, transformou a Europa, mas sim a ligação entre esta e o profundo movimento que subverteu o poder da igreja católica.

Neste sentido, Wolton (2003) coloca que é preciso ter uma visão crítica diante das novas mídias, uma análise que substitua a crença cega na técnica e na certeza de que tudo vai mudar na comunicação humana, familiar, no lazer, na política, no trabalho com a multiplicação das tecnologias da comunicação. “[...] De fato, a técnica é mais aceita do que compreendida. Como tudo parece dela depender, ela se apresenta como uma necessidade universal, uma presença indiscutível, dotada de uma força quase divina à qual os homens acabam se rendendo sem buscar entendê-la” (SANTOS, 2008, p.45).

As reflexões de Wolton (2003) propõem uma busca para responder questionamentos acerca do grau de necessidade das novas tecnologias da comunicação, assim como os problemas que elas podem ajudar a resolver e quais outros poderão ser criados.

Sendo assim, faz-se necessário que a idéia de um aparente progresso que acompanha estas novas tecnologias da comunicação, não tome o lugar de reflexões mais críticas e

---

<sup>9</sup> O autor entende por mídia de massa os dispositivos de comunicação que difundem informação organizada e programada a partir de um centro, o rádio, a televisão, o cinema e a imprensa são exemplos de mídia de massa.



de análises criteriosas à respeito das reais necessidades de equiparação de acesso e visibilidade por diferentes grupos sociais.

## **EXCLUSÃO DIGITAL**

Segundo Filho (2005), a diferença numérica de acesso, uso e produção de conteúdo entre os países pobres e ricos é grande, sendo que somente 10% da população mundial tem acesso à internet, e a maior parte está localizada nos Estados Unidos e Canadá, que concentram mais da metade dos usuários, o que significa 68% e 64% da população desses países, respectivamente. No caso brasileiro, o autor diz que dados de 2004 revelam que o país está na oitava posição entre os países com maior número de hospedagem, e o décimo país com o número de internautas, o que representa apenas 10,8% da população.

Em decorrência desse quadro, Filho (2005) diz que a Organização das Nações Unidas (ONU), estabeleceu o atraso digital como uma das quatro grandes mazelas da atualidade, ao lado da fome, do desenvolvimento e do analfabetismo. Lévy (1999) concorda que o desenvolvimento da cibercultura<sup>10</sup> pode ser realmente fator suplementar de desigualdades e exclusão, tanto entre as classes de uma sociedade, quanto entre nações de países ricos e pobres, pois o acesso ao ciberespaço exige infra-estrutura de comunicação e de cálculo (computadores), que ainda tem alto custo para as regiões em desenvolvimento.

No que se refere aos processos de comunicação comunitários, Lévy (1999) explana ser preciso ensinar as pessoas a manusear as novas tecnologias, sendo que para vencer essas barreiras, é preciso superar os obstáculos “humanos”, como os freios institucionais, políticos e culturais que existem para as formas de comunicação comunitárias, horizontais e interativas.

Para tais problemas referentes à exclusão digital, Lévy (1999) formula três respostas que, segundo o autor, não pretendem ser definitivas. A primeira diz ser preciso observar a tendência de conexão e não seus números absolutos, pois em geral, a taxa de conexão com o ciberespaço demonstra uma velocidade de apropriação social superior a do

---

<sup>10</sup> Especifica aqui o conjunto de técnicas, materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos, de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.



telefone. A segunda resposta é que será cada vez mais fácil e barato conectar-se, uma vez que apesar de a instalação e a infra-estrutura do ciberespaço requerem habilidades bem desenvolvidas, depois de adquiridas requerem pouco conhecimento técnico. A terceira resposta trata do fato de que todo avanço nos sistemas de comunicação acarreta, necessariamente, alguma exclusão.

No entanto, isso não constitui argumento suficiente para condenarmos as telecomunicações, mas sim desenvolver a educação primária e estender a participação ativa do emissor nos tradicionais veículos de comunicação. Segundo Lévy, “de forma mais ampla, cada universal produz seus excluídos. O universal mesmo se ele “totaliza” em suas formas clássicas, jamais engloba o todo (1999, p.237)”.

O problema do acesso para todos não deve ser reduzido às dimensões tecnológicas e financeiras, como argumenta Filho e Castro (2001), pois a inclusão não deve ser apenas digital, devendo-se pensar também em uma inclusão social. Isto significa que a inclusão digital necessita ir além de oferecer a população acesso aos computadores e aplicativos, pois essa ação isolada somente forma leitores e consumidores das informações disponíveis. Já o conceito de inclusão social busca formar interlocutores, pessoas que participem ativamente na produção de conteúdo.

Na perspectiva da cibercultura assim como nas abordagens mais clássicas, as políticas voluntaristas de luta contra as desigualdades e a exclusão devem visar o ganho em autonomia das pessoas ou grupos envolvidos. Devem, em contrapartida, evitar o surgimento de novas dependências provocadas pelo consumo de informações ou de serviços de comunicação concebidos ou produzidos em uma óptica puramente comercial ou imperial e que têm por efeito, muitas vezes, desqualificar os saberes e as competências tradicionais dos grupos sociais e das regiões desfavorecidas (LÉVY, 1999, p.238).

Assim sendo, Lévy (1999) destaca que é preciso desenvolver as condições para que os usuários das tecnologias possam participar ativamente dos processos de inteligência coletiva. Estes novos instrumentos devem servir prioritariamente para valorizar a cultura, os recursos e os projetos locais, isto é, ajudar as pessoas a participar de coletivos de ajuda mútua, de grupos de aprendizagem coletiva.



Nesta perspectiva, é necessário entender a exclusão digital em seu aspecto macro, enfatizando e priorizando o quão importante é tornar possível a ampliação de acesso para a produção de conteúdo, de maneira a fazer com que telespectadores, espectadores e agora também internautas, tornem-se também produtores de conteúdos.

## **RÁDIO NA WEB**

O rádio passa agora por mais uma transição tecnológica importante, ele caiu na rede mundial de computadores, a internet. Nesta perspectiva, Júnior e Ramos (2005) fazem um panorama dos diferentes avanços tecnológicos que o rádio sofreu desde o seu surgimento até os dias atuais. Conforme esses autores, em 1863, em Cambridge, na Inglaterra, James Clerck Maxwell demonstrou teoricamente a existência das ondas eletromagnéticas. Tendo como base a teoria de Maxwell, o físico alemão Henrich Rudolf Hertz, em 1887, detectou pela primeira vez as ondas do rádio, hoje chamadas ondas hertzianas. Essa nova tecnologia de comunicação ganha grande adesão popular.

Em 1960 o rádio dá um salto tecnológico importante com a descoberta do transistor, tornando-se compacto e de baixo consumo, possibilitou sua alimentação com pilhas, o que segundo Jung (2007), fez com que o rádio deixasse de ser um móvel dentro de casa para torna-se companheiro do ouvinte. Em 1970, o conceito de modulação por frequência, ou simplesmente FM, permitiu um serviço de radiodifusão sonora imune às interferências atmosféricas e com capacidade de transmitir sinais de áudio com maior qualidade.

Contudo, a migração do rádio para a internet, mudança que ocorre na atualidade, parece causar o maior dos impactos. Para Barbeiro e Lima (2003), o impacto dessa nova mídia não foi sequer imaginada por aqueles que na década de 50, estudavam as mídias.

[...] o apresentador com quem você simpatiza, o programa que fala da sua cidade natal e a emissora de sua preferência estão a um clique do mouse, pois o rádio caiu na rede mundial de computadores e, ao contrário do que muitos autores defendem, ele não vai desaparecer, visto que na convergência as mídias não desaparecem, mas sim somam-se e impõe novos desafios aos profissionais (JUNG: 2007: 86).





Nesse contexto, Barbeiro e Lima (2003) elucidam que a tecnologia não deixa outra saída para o rádio senão a internet, o que proporcionará um salto de qualidade tanto em programação quanto em conteúdo.

Na visão de Jung (2007), o rádio na internet não é apenas um rádio, pois possibilita que o internauta busque complementos com textos, fotos, imagens. Oportuniza-se também ouvir a programação no celular, onde o usuário transfere mensagens por voz ou dados, recebe informações no canal de áudio. Desta maneira, também as características do profissional do rádio serão alteradas: bastará ser radialista, se o rádio deixa de ser apenas o som? O profissional de rádio deverá estar pronto para esse novo cenário.

Conforme Júnior e Ramos (2005) são inúmeras as vantagens trazidas com o advento da convergência tecnológica, pois os sistemas digitais irão permitir transmissões de áudio de melhor qualidade, e com abrangência de transmissão, já que para ter a mesma área de cobertura de uma transmissão analógica, a transmissão digital requer menos potência.

No que diz respeito à forma de comunicação, os autores defendem que, o rádio digital é mais democrático do que os meios de comunicação tradicionais, devido ao fato de, nas palavras de Jung (2007), será possível descentralizar os núcleos de opinião, permitindo maior difusão de idéias dos grupos minoritários, por exemplo, já que a internet abre possibilidades para quem quiser abrir um rádio, pois não é preciso autorização do Estado, extinguindo a figura da concessão pública, e os custos dos equipamentos não são caros, acessíveis apenas aos grupos de grande poder aquisitivo.

Contudo para o autor, o que faz o rádio existir na rede não é apenas o endereço que permiti o acesso ao conteúdo do rádio, o rádio na web só ganha vida quando é acessado pelo internauta, porém não é fácil ser visto na imensidão da internet que abriga um número incalculável de sites e portais.

Diante desse quadro, é mais fácil ganhar visibilidade as páginas que são mais conhecidas, ou seja, páginas que estão ligadas a grupos econômicos poderosos, as grandes corporações que já vinham dominando o mercado de comunicações, empresários da comunicação que detém rádios no formato tradicional, redes de televisão, revistas, livros, portais na internet, eles têm maiores condições de respaldar o surgimento e crescimento de uma rádio na internet do que uma comunidade de bairro.



---

## CONCLUSÃO

Apesar de a internet ser uma tecnologia recente, pois a chegada do computador data de 1970 e a junção da tecnologia do rádio com a tecnologia da internet tenha ocorrido recentemente nos anos 90, as mudanças introduzidas por essas técnicas foram tão intensas e rápidas que se tem a impressão de que elas sempre existiram. Desta maneira, é impossível pensar hoje a comunicação sem medir os impactos da inserção do computador e da internet, que tem modificado sensivelmente as relações sociais, ao introduzir novas formas de sociabilidade em diferentes níveis sociais, culturais, religiosos, e outros.

Um dos fatores que contribui para estas mudanças, é que as sociedades contemporâneas encontram na tecnologia uma fonte de magia e mistério, que deixa a todos em estado de êxtase. Porém, é preciso advertir que esses encantos proporcionados pelas tecnologias às vezes impedem que se faça uma análise mais crítica sobre as diferentes conseqüências, sejam elas positivas ou negativas, trazidas pelas técnicas para o cotidiano das sociedades, pois quem se propõe a avaliar mais a fundo essas conseqüências é visto como um inimigo do progresso.

Neste ínterim, as literaturas sobre o tema enfatizam que mudanças sociais virão acompanhar as mudanças tecnológicas, quando é sabido ser preciso muito mais do que a inserção de uma técnica para que mudanças sociais ocorram. A exclusão digital pode ser apontada com uma das conseqüências das novas tecnologias, que em países em vias de desenvolvimento, como é o caso do Brasil, concentra um grande número de pessoas aquém do acesso, por falta de instrução ou de recurso para tanto.

No caso da convergência tecnológica do rádio com a internet, propaga-se que qualquer um pode montar sua própria rádio, devido ao fato de não precisar da concessão do Estado e os equipamentos terem um preço mais acessível, o que seria uma alternativa para as rádios comunitárias. No entanto, ao estudar as novas tecnologias midiáticas, é preciso evitar posições antagônicas, como as defendidas pelos apocalípticos e os integrados, pois enquanto estes viam a indústria cultura e conseqüentemente os veículos de comunicação, como elemento de salvação do homem, aqueles acreditavam que eles representavam um estágio avançado da “barbárie cultural”.



As mudanças tecnológicas trazem sim benefícios para a comunicação humana, mas não é possível esperar que elas sozinhas resolvam todos os problemas da comunicação ainda vigente, isso somente poder ocorre se as técnicas estiverem ligadas a processos maiores de mudanças sociais.

## **Referências Bibliográficas**

BARBEIRO, Heródoto & LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual do radiojornalismo: produção, ética e internet**. Rio de Janeiro. Ed Elsevier, 2003.

FILHO, André Barbosa & CASTRO, Cosette. Inclusão digital como forma de inclusão social. In Filho, André Barbosa. Castro, Cosette. Tome, Takashi (orgs). **Mídias digitais: convergência tecnológica e inclusão social**. São Paulo. Ed. Paulinas, 2005.

JÚNIOR, Humberto Abdalla & RAMOS, Murilo César. Edgard Roquette-Pinto: o que ele tem a ver com a rádio digital. In Filho, André Barbosa. Castro, Cosette & Tome, Takashi (orgs). **Mídias digitais: convergência tecnológica e inclusão social**. São Paulo. Ed. Paulinas, 2005.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo. Contexto, 2007.

LEMONS, Ronaldo. O creative commons e as transformações da propriedade intelectual. In Filho, André Barbosa. Castro, Cosette. Tome, Takashi (orgs). **Mídias digitais: convergência tecnológica e inclusão social**. São Paulo. Ed. Paulinas, 2005.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo. Ed.34, 1999.

PRADO, Cláudio. CAMINATI, Francisco & NOVAES, Thiago. SINAPSE XXI: novos paradigmas em comunicação. In Filho, André Barbosa. Castro, Cosette. Tome, Takashi (orgs). **Mídias digitais: convergência tecnológica e inclusão social**. São Paulo. Ed. Paulinas, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro. Record, 2008

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Trad. Milton Camargo Mota. Edições Loyola. São Paulo. 1999



WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa.** Trad. Karina Jannini. São Paulo. Martins Fontes, 2003.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias.** Trad. Isabel Crossetti. Porto Alegre, Sulina, 2003.